

## TECNOLOGIAS E COTIDIANO: USOS E POSSIBILIDADES CONTRA-HEGEMÔNICAS<sup>1</sup>

**Doriedson Alves de Almeida<sup>2</sup>**  
**Maria Helena Silveira Bonilla<sup>3</sup>**  
**Sonia Maria da Conceição Pinto<sup>4</sup>**  
**Washington da Encarnação Bacelar<sup>5</sup>**

Universidade Federal da Bahia  
Universidade do Estado da Bahia - UNEB  
Faculdade Regional de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias - Bahia

### RESUMO

O texto apresenta reflexões sobre as possibilidades cotidianas de uso das TIC em contextos contra-hegemônicos relacionados ao lazer, entretenimento, educação, uso profissional e às políticas públicas para inclusão sócio-digital. Desvelaremos alguns cenários hegemônicos nos quais elas estão inseridas, relacionado-os ao processo de globalização, mostraremos como interesses sócio-econômicos envolvidos nas formas de apropriação das TIC pelos coletivos sociais contribuem para a construção de processos cada vez mais centralizados nesse campo. Terminaremos por identificar e apontar resistências contra-hegemônicas que surgem através de processos criativos (aqui tratadas como burlas), advindas das dinâmicas de convivência cotidiana com as tecnologias, a partir da análise de formas práticas incorporadas ao seu uso.

### Palavras chave

Tecnologias; hegemonia; contra-hegemonia; burlas.

### INTRODUÇÃO

O período histórico contemporâneo, iniciado no pós-guerra e consolidado a partir do consenso de Washington<sup>6</sup>, é apontado por alguns estudiosos como processo resultante do

<sup>1</sup> Artigo científico apresentado ao eixo temático “Vigilância, ciberativismo e poder”, do III Simpósio Nacional da ABCiber.

<sup>2</sup> Mestre em Educação PPGE/UFES  
Doutorando em Educação PPGE/FACED/UFBA

<sup>3</sup> Doutora em Educação. Professora adjunto da Faculdade de Educação/UFBA

<sup>4</sup> Mestre em Educação e Contemporaneidade. Professora da UNEB – Universidade do Estado da Bahia

<sup>5</sup> Especialista em metodologia científica. Professor da Faculdade Regional de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias - Bahia

<sup>6</sup> Consenso econômico neoliberal formulado em 1989 e que capitaneou as grandes transformações político-econômicas do capitalismo mundial nas últimas décadas. Segundo Santos (2006b, p. 329), o Consenso de Washington “diz respeito à organização da economia global, incluindo a produção, os mercados de produtos e serviços, os mercados financeiros, e assenta na liberalização dos mercados, desregulamentação, privatização, minimalismo estatal, controle da inflação, primazia das exportações, cortes nas despesas sociais, redução do

avanço das Tecnologias da Informação e Comunicação - TIC (CASTELLS, 1999). Entretanto, para outras correntes de pensamento, as características da globalização, impostas segundo os preceitos do pensamento neoliberal, não passam de uma inversão de papéis onde se tomam as causas como conseqüências, e daí a razão de atribuir às TIC o caráter central nesse processo. Santos (2006a) aponta para a tentativa de construção de um pensamento uno em torno das mudanças ocorridas nas últimas décadas quando essas são apenas resultados de processos históricos e políticos.

Outros estudiosos seguindo esta corrente de pensamento, dentre eles Boaventura de Souza Santos (2001), consideram as questões relacionadas à hegemonia do atual modelo macro-econômico mundial, denominado globalização, um processo resultante de consensos políticos dos países centrais, alinhados política e ideologicamente num consenso de sustentação da fase atual do capitalismo global. Milton Santos (2006a, p.23) também afirma que para compreender a globalização atual “como a qualquer fase da história, há dois elementos fundamentais a levar em conta: o estado da técnica e o estado da política”. Segundo ele, não existe uma separação entre as duas coisas, pois “[...] as técnicas são oferecidas como sistemas e realizadas combinadamente através do trabalho e das formas de escolha dos momentos e dos lugares de seu uso” (p. 23).

Ainda Santos (2006a) afirma que “[...] as técnicas surgem em famílias e cada conjunto de técnicas representa uma época, atualmente caracterizada pela chegada da técnica da informação” (p. 25-26). Ao comparar as tecnologias da estrada de ferro e as atuais tecnologias da informação, o autor dá a dimensão da abrangência e das implicações do atual contexto tecnológico:

a estrada de ferro instalada em regiões selecionadas, escolhidas estrategicamente, alcançava uma parte do país, mas não tinha uma influência direta determinante sobre o resto do território. Agora não. A técnica da informação alcança a totalidade de cada país, direta ou indiretamente. Cada lugar tem acesso ao acontecer dos outros. O princípio de seletividade se dá também como princípio de hierarquia, porque todos os outros lugares são avaliados e devem se referir àqueles dotados das técnicas hegemônicas. Esse é um fenômeno novo na história das técnicas e na história dos territórios. Antes havia técnicas hegemônicas e não hegemônicas; e hoje, as técnicas não hegemônicas são hegemoneizadas (p. 25-26).

---

déficit público, concentração do poder mercantil nas grandes empresas multinacionais e do poder financeiro nos grandes bancos transnacionais. As grandes inovações institucionais do consenso econômico neoliberal são as novas restrições à regulamentação estatal, os novos direitos internacionais de propriedade para investidores estrangeiros e criadores intelectuais e a subordinação dos Estados nacionais a agências multilaterais, como o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional e a Organização Mundial do Comércio”.

Nesse contexto, “[...] assevera que a hegemonização das técnicas modernas reflete a não distinção entre tecnologia e globalização, que se caracteriza por ser o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista” (p. 26). Contudo, não podemos deixar de reconhecer nas técnicas da informação sua inegável importância enquanto célula propulsora de transformações sociais – quando usadas de forma anti/contra-hegemônica e de forma não homogeneizadora – possibilitando práticas e manifestações outras, diversas daquelas previstas e impostas pelo processo “globalitário”.

Parece contraditório que por meio de instrumentos resultantes da própria ação das forças hegemônicas sejam possíveis manifestações contra-hegemônicas. A nosso ver, esse processo, embora incipiente e inacessível a muitos, é irreversível, pois resulta das contradições do atual modelo de globalização, que não consegue tornar-se onipresente enquanto força motriz, devido às características intrínsecas e cada vez mais descentralizadas das tecnologias digitais.

As potencialidades e possibilidades abertas por essas tecnologias desencadeiam processos organizativos horizontais que fazem frente aos fluxos hegemônicos e monopolistas da informação, emergindo o que consideramos burlas cotidianas, resultantes de ações criativas e de apropriações sócio-culturais das “técnicas de informação”. Essas apropriações podem se dar de forma individual ou coletiva, e podem caracterizar-se por ações aleatórias e pontuais e/ou por usos contínuos e sistemáticos, sempre se constituindo enquanto importantes instrumentos de enfrentamento ao hegemônico e de emancipação social.

Os potenciais inovadores das TIC e a complexidade das sociedades contemporâneas geram fluxos multi-direcionais e imprevisíveis de informação, cultura e conhecimento, constantemente resignificados. Tal fato contribui para uma certa ineficácia dos mecanismos de controle, rompidos sob formas cada vez mais inusitadas e criativas. Assim, as práticas que nesse contexto denominamos burlas, possuem o sentido de apropriações cotidianas diversas e/ou desautorizadas àquelas para as quais estavam previstas. Em sua maioria, elas resultam das artes de fazer cotidianas (CERTEAU, 2006, p. 97).

Evidentemente, o potencial das técnicas modernas pode assumir conformações descentralizadas ou centralizadas, em redes cujos nós serão autônomos e dinâmicos ou fortemente controlados de forma a não permitir tais ações criativas. Nestes processos, o que determinará sua forma de utilização serão os mecanismos de regulação estatal e supranacionais e, em última instância, sua apropriação cultural e técnica pelos diversos

segmentos sociais.

Não é por acaso que quando manifestações contra-hegemônicas são rastreadas, mapeadas, identificadas e localizadas, sofrem processos de repressão e silenciamento. Este silenciar pode acontecer de variadas formas, não implicando, necessariamente, a eliminação de seus protagonistas. O mais comum é a desqualificação destas pessoas e/ou grupos, muitas vezes tidas como desequilibrado(as) e fora do contexto social, diga-se, fora da hegemonia.

Assim, é importante novamente reiterar que o significado de burla aqui pretendido não está relacionada à origem etimológica do vocábulo e/ou como o simples ato de “burlar, enganar ou fraudar”. Nós a entendemos, nesse trabalho, como resultado natural de uma tensão entre as forças hegemônicas e o cotidiano, emergida de subjetivações complexas advindas dos usos e apropriações diversas das TIC pelos indivíduos, seja de forma passiva, enquanto simples observador/usuário e/ou de maneira ativa como sujeitos resignificadores e contestadores desses espaços.

Os espaços onde tais práticas ocorrem incluem ambientes os mais variados, inclusive o escolar, onde identificamos ações desavisadas e ingênuas que contribuem para consolidar a força hegemônica e monopolizadora das TIC, como por exemplo, através dos conteúdos curriculares. Sobre isso, Santomé (1995, p. 161) nos alerta:

quando se analisa de maneira atenta os conteúdos que são ensinados de forma explícita na maioria das instituições escolares e aquilo que é enfatizado nas propostas curriculares, chama fortemente à atenção a arrasadora presença das culturas que podemos chamar de hegemônicas. As culturas ou vozes dos grupos sociais minoritários e/ou marginalizados que não dispõem de estrutura importante de poder costumam ser silenciadas, quando não estereotipadas e deformadas, para anular suas possibilidades de reação.

Na contra-corrente do pensamento uno, parece-nos importante contrabalançar essa tendência, considerando que mesmo nesse cenário atuam forças antagônicas visivelmente desiguais. Ações contra-hegemônicas, entendidas enquanto burlas anti-sistêmicas, fazem-se necessárias nos contextos escolas e nos demais contextos sociais, se entendermos hegemonia não só em seu sentido etimológico “de predomínio majoritário (e) muitas vezes opressivo de algo sobre o resto” (FERREIRA, 1988), mas essencialmente em sua forma conceitual apontada por Antonio Gramsci (apud DANTAS JR, 2005), “para descrever o tipo de dominação ideológica de uma classe social sobre outra, particularmente da burguesia sobre o proletariado e outras classes de trabalhadores” bem como suas implicações geopolíticas, aqui entendidas como “a supremacia de um povo sobre outros, pela sua condição econômica e/ou

pelas suas tradições ou condições de raça, por costumes ou condição militar".

Buscamos então compreender e explicitar essas dinâmicas e tensões de forma a abrirmos outras perspectivas de análise para as apropriações das tecnologias da informação e comunicação pelos sujeitos sociais, em processos de inclusão socio-digital.

## **AS *TECHNÉS* E SEU PERCURSO HEGEMÔNICO**

Historicamente, as evoluções tecnológicas advindas de pesquisas que possibilitaram avanços científicos em diferentes áreas do conhecimento, tornando reais a revolução micro-eletrônica – das válvulas e transistores aos circuitos integrados, culminando com a nanociência e a biogenética contemporâneas – contribuem para avanços na qualidade de vida. Entretanto, essas convergem cada vez mais para caminhos onde as implicações e interesses sociais, bem como os comportamentos éticos, são difusos, conturbados e cada vez mais submissos aos interesses do grande capital. Tal cenário poderá levar-nos a conseqüências cada vez mais complexas e imprevisíveis, a depender das formas de apropriação da ciência e de sua aplicação prática, sobretudo se não refletirmos sobre suas formas de controle social e político.

O pano de fundo nessa arena, onde o grande capital arvora-se sobre os recursos naturais, cada vez mais escassos, assentado na maioria das vezes sobre pressupostos éticos e jurídicos enganosos, e valendo-se destes para sua legitimação e respaldo perante a opinião pública, não é outro, senão, a busca pelo lucro elevado à enésima potência, através do controle patentário de formas de vida vegetal e animal e/ou do ordemanento jurídico dos mecanismos e técnicas que permitem o registro, armazenamento e fluxos de informação, numa espécie de cercamento<sup>7</sup> contemporâneo, conforme nos aponta Silveira (2007, p. 34).

Visto desse ângulo, o percurso histórico das *technés* não poderia levar a outros caminhos que não fossem os de afirmação e consolidação dos processos hegemônicos, verificados em seus diferentes momentos (revolução mercantil; industrial e da informação), e difundidos ao longo da história como imposições orquestradas nos ordenamentos ético-morais, jurídicos e financeiros de cada época. Sempre regidos pelos mercados, seus interesses

---

<sup>7</sup> O cercamento consiste em práticas realizadas no período da revolução industrial na Inglaterra, em que, advindo de um sistema feudal no qual a terra era um bem comum para produção camponesa, a propriedade passa a ser cercada (demarcação de terras) tornando-se assim um bem privado de posse dos senhores feudais ou "gentry" (nobreza rural mais progressista) e dos "yeomen" (camada mais rica dos pequenos e médios proprietários livres). (HISTORIANET, online)

e métodos, os processos hegemônicos são aplicáveis em cada contexto, amparando-se em instituições privadas, religiosas e, sobretudo, nos aparelhos de estado, que as tornam viáveis.

Assim, o atual contexto científico e tecnológico viabiliza-se de forma a ganhar escala para além de suas fronteiras territoriais originais, culminando no atual modelo, que se sustenta, cotidianamente, valendo-se da escola e de nossos lares (se fizermos um recorte num plano micro) e também através da ação de governos nacionais (num plano macro) para sua legitimação. Para tanto, as TIC são centrais, pois aqueles que buscam o controle social as usam para atuar e valer-se, a todo momento, de aspectos cotidianos e culturais para dar crédito aos seus discursos e ações. Isto só é possível em virtude da possibilidade que têm de manipulação dos fluxos informacionais e do controle da infra-estrutura comunicacional. Mais devastador e problemático se torna esse processo quanto maiores forem os problemas sociais, especialmente os educacionais, das sociedades. No Brasil, por exemplo, país com alto índice de analfabetismo e com sérios problemas na formação de professores para o uso e compreensão das linguagens midiáticas e tecnológicas, uma informação veiculada pela mídia tende a ser tomada pela maioria da população como verdade absoluta, já que faz parte da estratégia midiática apresentar-se como reflexo puro da realidade. Por isso, “a violência do monopólio da informação e de sua manipulação, no Brasil, é brutal e inaceitável” (FRIGOTTO, p. 84). Poucas são as brechas para a penetração de canais alternativos, que possibilitem a construção de outras significações para as informações veiculadas.

Como exemplo prático destes monopólios podemos citar os padrões adotados pela indústria de circuitos eletrônicos para uso em aparelhos como PCs, celulares, televisores, tocadores de música eletrônica. Tais padrões tornam-se viáveis a partir de sua aceitação em escalas transnacionais, valendo-se sempre de estratégias que buscam sua assimilação cotidiana pelo uso em massa, amparados por fortes apelos midiáticos, e também por acordos governamentais que viabilizam os sistemas jurídicos necessários para o sustento legal dessas escolhas. Os conjuntos de códigos constituem-se enquanto “alma” desses avanços tecnológicos, e são igualmente produzidos e comercializados segundo uma lógica hegemônica subordinada aos ditames da indústria multimilionária de patentes.

Em movimento contrário, e de forte característica anti/contra-hegemônica, resultam constantes buscas por inovações capazes de superar as dicotomias atreladas a esses padrões técnicos. Embora também regulados por estados nacionais e/ou por entidades reguladoras transnacionais, esses movimentos acabam por ser fortemente pressionados/tensionados por

corporações privadas transnacionais, que se valem, em muitos casos, da mídia hegemônica para veicular suas campanhas difamatórias. Estas também aproveitam-se do ordenamento jurídico ultrapassado e do aparelho repressor do Estado para atingir seus objetivos. Tais pressões visam forçar a adesão aos padrões tecnológicos, enquanto elementos de disseminação cultural e de dominação, seja apelando para mecanismos legais já disponíveis, ou simplesmente incentivando, sob os mais diversos subterfúgios, a criação, no ordenamento jurídico, de marcos regulatórios danosos aos direitos civis e às liberdades individuais. Na maioria dos casos, tais ordenamentos são votados e implementados de forma totalitária, sem o necessário debate e transparência, resultado da força política e midiática que os detentores de patentes e padrões técnicos possuem em parlamentos no mundo inteiro.

Um exemplo claro são os poderosos lobbies formados em defesa de padrões proprietários de códigos de software para a definição dos padrões técnicos que possibilitarão, num futuro próximo, as transmissões de TV em formato digital no Brasil. O uso dessas técnicas apenas para empacotamento digital de áudio e vídeo, para dar vazão às visões hedonistas de mundo, numa perspectiva reducionista de suas possibilidades, é uma ação clara e deliberada das forças hegemônicas que visam o deslumbramento estético das massas e o mascaramento das possibilidades transformadoras dessas tecnologias.

Outro exemplo dessa estratégia são os atuais usos das possibilidades de convergências midiáticas a serviço de uma cyberpornografia global, conforme apontado por Virílio (1999). Tais usos estão invariavelmente atrelados a interesses financeiros, conforme podemos verificar nas quantias estratosféricas dessa indústria que consome U\$ 89,00 (oitenta e nove dólares americanos) por segundo em sua escalada hegemônica global<sup>8</sup>.

Alertamos, entretanto, que não é apenas a visão dos conglomerados de comunicação mundial que ganham destaque nestas reflexões. Queremos destacar também a importância de ações criativas, táticas e burlas contra-hegemônicas. Ousamos afirmar que, no mundo atual, tais ações são perfeitamente viáveis, e é o uso criativo e livre das “técnicas de informação” que possibilitam e possibilitarão, cada vez mais, novas e alternativas formas para a sua apropriação, em busca da construção de autonomias que permitam a consolidação de outras formas de comunicação, de produção e partilha / troca de conhecimentos.

---

<sup>8</sup> Video instalação com dados estatísticos sobre pornografia na WEB disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=QOFTQpNhsWE>

## ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA CIBER: CONSTRUÇÕES COTIDIANAS DE BURLAS ENQUANTO AÇÕES CRIATIVAS

Em meio ao rolo compressor hegemônico, percebemos que espaços de convívio e relações públicas e cotidianas, denominados por Benkler (2007) de *commons*<sup>9</sup>, podem (re)configurar-se, por exemplo, em salas de cinema, e/ou espaços midiáticos pelas TIC, com zonas cobertas por redes sem fio. Esses contextos espaciais modificados e (re)significados pelas TIC contribuem para marcar e preservar o caráter fluído, livre e autônomo dos fluxos de informação.

Dessa forma, espaços em construção, segundo o conceito de *commons*, e outras formas de organização social, potencialmente latentes, que utilizam as TIC numa perspectiva contra-hegemônica, mostram-se fundamentais para a contraposição aos históricos e crescentes interesses em torno da formação de verdadeiras sesmarias<sup>10</sup> informacionais, que empurram para a margem da sociedade uma grande parcela da população, aqueles que não possuem ou não têm acesso às TIC. Essa parcela da população, mesmo não tendo acesso a muitos direitos básicos, é portadora de dinâmicas positivas que impulsionam movimentos colaborativos que têm a potencialidade de desencadear ações transformadoras. Como afirma Santos (2006a, p. 130),

quanto aos não-possuidores, sua convivência com a escassez é conflituosa (...) cada dia oferecendo uma nova experiência de escassez. [...] A sobrevivência só é assegurada porque as experiências imperativamente se renovam. E como a surpresa se dá como rotina, a riqueza dos não-possuidores é a prontidão dos sentidos. É com essa força que eles se eximem da contra-finalidade e ao lado da busca de bens materiais finitos cultivam a procura de bens infinitos como a solidariedade e a liberdade: estes, quanto mais se distribuem mais aumentam.

A escassez de que tratamos aqui é a da informação, da diversidade e da colaboração no ciberespaço. Estas, em se confirmando e consolidando, serão danosas não só para a produção e a apropriação de novos conhecimentos e novas *technés*, mas também para a sociedade contemporânea e para as futuras gerações, pois trazem em seu bojo o risco da discriminação, do individualismo exacerbado e da falta de bens materiais e simbólicos.

<sup>9</sup> Palavra de difícil tradução literal para o português, podendo ser entendida enquanto locais públicos. Conforme definição de Benkler (2007, p. 11), *commons* são espaços institucionais em que podemos praticar um tipo particular de liberdade - a liberdade em relação a restrições normalmente aceitas como pré-condições necessárias para mercados funcionais.

<sup>10</sup> Instituto jurídico português (presente na legislação desde 1375) que normatiza a distribuição de terras destinadas à produção. Para maiores informações, acessar <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sesmaria>.

Entretanto, otimista, o geógrafo aponta-nos os caminhos possíveis e já em erupção, aqui tratados como possibilidades contra-hegemônicas, também aplicáveis ao universo digital, enquanto possibilidades de manuseio/uso das TIC, pelas diversas comunidades não possuidoras, de formas diversas e descentralizadas. Mais dinâmicas e potentes serão essas emergências, quanto mais mecanismos nessa direção forem fomentados pelos diferentes sujeitos sociais.

O entendimento sistemático das situações e a correspondente sistematicidade das manifestações de inconformidade constituem, via de regra, um processo lento. Mas isso não impede que no âmago da sociedade, já se estejam, aqui e ali, levantando vulcões, mesmo que ainda pareçam silenciosos e dormentes. (SANTOS, 2006a, p.134)

Nesse sentido, as práticas contra-hegemônicas que afloram das manifestações de insatisfação, resultantes da ação dos movimentos sociais organizados, segundo Santos (2006a), devem refletir o cotidiano das pessoas, cuja flexibilidade e adaptabilidade lhe asseguram um autêntico pragmatismo existencial e constituem a sua riqueza e fonte principal de veracidade. Tais flexibilidades e adaptabilidades dos movimentos sociais também podem ser verificadas e potencializadas pela apropriação e uso das TIC, sobretudo se optarmos pela utilização de técnicas e métodos onde as mesmas sejam pensadas e integradas aos sistemas produtivos e econômicos em configurações outras, para além dos modelos hegemônicos atuais.

Entendemos que para a consolidação desses novos modelos falta ainda capilaridade e força para que as TIC possam amalgamar-se aos movimentos sociais e a novos modelos de produção e consumo, de forma tal que suas potencialidades, oriundas de características que lhes são próprias, tais como não-linearidade, hipertextualidade e interatividade, possam estender-se e espalhar-se pelos sistemas sociais e produtivos, contribuindo para potencializar os fluxos e aumentar os bens imateriais.

No cotidiano de comunidades que já se apropriaram dessas características identificamos propostas inovadoras que procuram valorizar experiências e vivências dos sujeitos que ali vivem e convivem, fomentando e abrindo espaços para atividades mais lúdicas e criativas, realizadas com maior liberdade. Tais espaços extrapolam o que poderíamos chamar de cotidiano material e/ou tangível, configurando-se também em universos cibernéticos, ópticos, bi e tridimensionais, forjando uma esfera de enfrentamento político e ideológico onde o virtual atua (re)significando ações do universo material e cotidiano.

Por isso, apontamos que experiências como as da utilização de *blogs* para postagem de denúncias de situações de violação dos direitos humanos, ações de exércitos e fraudes políticas, muitas vezes ignoradas pela mídia de massa, são exemplos fecundos de manifestações contra-hegemônicas possibilitadas por usos criativos e burlantes desses espaços virtuais.

Outro exemplo, e que consideramos como uma experiência emblemática e bem sucedida, foi a ocorrida no México, onde um líder sem rosto no estado de Chiapas, subcomandante Marcos, buscou, segundo relatos, sempre escrever em linguagem HTML<sup>11</sup> de forma a mundializar a luta dos zapatistas, via internet. Hoje os zapatistas divulgam sua luta contra a hegemonia política no México e suas idéias em sítios<sup>12</sup> na internet, os quais, em alguns momentos, configuram-se enquanto TAZ<sup>13</sup>. Os espaços virtuais e de comunicação temporária de outrora evoluíram para espaços onde hoje podemos encontrar, desde manifestações culturais e sociais dos zapatistas, até ações políticas realizadas pelo movimento em seu território, buscando outras formas de organização e de sustentabilidade sócio-econômica para a região, o que evidencia a importância da internet para a comunicação e para a organização de outros modelos de articulação entre os sujeitos, de cooperação e de solidariedade.

Um comunicado<sup>14</sup>, datado de 28/03/1994, onde Marcos explica o porquê da máscara estilo bataclava usada por ele e outros tantos zapatistas, talvez desvele pistas sobre a importância da internet enquanto instrumento autônomo e colaborativo para a comunicação com o mundo externo.

Marcos é gay em São Francisco, negro na África do Sul, asiático na Europa, hispânico em San Isidro, anarquista na Espanha, palestino em Israel, indígena nas ruas de San Cristóbal, rockero na cidade universitária, judeu na Alemanha, feminista nos partidos políticos, comunista no pós-guerra fria, pacifista na Bósnia, artista sem galeria e sem portfólio, dona de casa num sábado à tarde, jornalista nas páginas anteriores do jornal, mulher no metropolitano depois das 22h, camponês sem terra, editor marginal, operário sem trabalho, médico sem consultório, escritor sem livros e sem leitores e, sobretudo, zapatista no Sudoeste do México. Enfim, Marcos é um ser humano qualquer neste mundo. Marcos é todas as minorias intoleradas, oprimidas, resistindo, exploradas, dizendo ¡Ya basta! Todas as minorias na hora de falar e majorias na hora de se calar e agüentar. Todos os intolerados buscando uma palavra, sua palavra. Tudo que incomoda o poder e as boas consciências, este é Marcos.

---

<sup>11</sup> Hiper Text Markup Language, ou seja, linguagem que oportuniza a produção de páginas web  
<sup>12</sup> <http://www.escuelasparachiapas.org/espanol.html>; <http://www.submarcos.org/>

<sup>13</sup> Temporary Autonomous Zone – um espaço de resistência, liberdade e autonomia.

<sup>14</sup> Comunicado obitido em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento\\_zapatista](http://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_zapatista)

Alguns exemplos recentes ocorridos no Brasil também podem ser apontados como movimentos contra-culturais, possibilitados pelo uso intenso e em rede de instrumentos como celulares, blogs, e-mails, e que resultaram em imensas manifestações estudantis como a Revolta do Buzu<sup>15</sup> (ocorrida em Salvador-BA, em 2006), e a Revolta da Catraca<sup>16</sup> (ocorrida em Florianópolis-SC, em 2004 e 2005), que reivindicavam tarifas mais justas e por passe livre para estudantes no transporte coletivo urbano em regiões metropolitanas.

Outro exemplo a ser destacado é o movimento desencadeado após o Atentado na Estação de *Atocha*, em novembro de 2004, em *Madrid*, fundamental para a eleição do socialista *Jose Maria Zapatero* na Espanha, quando o governo de Aznar tenta atribuir os atentados ao grupo separatista ETA, divulgando essa versão na mídia de forma massiva. No entanto, a versão foi desarticulada pela utilização intensa de instrumentos de comunicação portáteis pelos cidadãos espanhóis, o que evidencia o potencial que os mesmos possuem para a articulação social.

Também se destacam algumas experiências interativas que podem potencializar iniciativas de EAD e que refutam os modelos hegemônicos das práticas de *e-learning* que adotam uma lógica de transmissão *broadcasting* (um para muitos) de informações, numa perspectiva próxima e/ou idêntica à lógica comunicacional dos grandes portais WEB e das grandes redes de TV. Uma dessas experiências aconteceu em maio de 2007 na III Semana de Software da FACED/UFBA, e I Semana de Software Livre de Irecê, conectando duas localidades distantes 500 km (Salvador e Irecê) em *streaming* de áudio e vídeo, transmitindo mesas redondas e sessões de pesquisa, simultaneamente pela *internet*, com possibilidade de interação por canais de IRC (Chat) e de rádio web.

Outros movimentos que permitem a utilização de *softwares* livres em escolas e ou tele/infocentros também apontam para atitudes contra-hegemônicas, à medida que abrem espaço para a apropriação das tecnologias de forma autônoma e isenta de patentes para escolas e/ou comunidades, embora ressaltemos que existam desafios e construções ainda a realizar. Estes desafios estarão sendo suplantados à medida que mais pessoas se apropriem destes usos tecnológicos livres. Por isso, a escola e o professor exercem um importante papel nesta construção.

Alguns programas de governo possibilitam, a partir de experiências práticas e contextualizadas com a realidade local, como o Programa Cultura Viva do Governo Federal

---

<sup>15</sup> <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2004/03/275678.shtml>

<sup>16</sup> <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2005/06/320819.shtml>

(MinC<sup>17</sup>), que implantou centenas de Pontos de Cultura em todo o território nacional, a produção de conteúdos web e conexão a internet de comunidades a partir de uma perspectiva de apropriação tecnológica e de difusão de culturas que extrapolam a lógica uniformizante de utilização de TIC em tele/infocentros. Vale apontar que, paradoxalmente, o projeto Pontos de Cultura, dentre os programas do governo Federal, é o que possui a menor dotação orçamentária.

As possibilidades de práticas contra-hegemônicas puderam ser experimentadas também em episódio recente, quando um grupo de alunos contrários à política para o ensino superior no Estado de São Paulo ocupou o prédio da reitoria da USP – Universidade de São Paulo, e passou a utilizar técnicas para transmissão de *streaming* de áudio e vídeo sobre protocolo IP para difundir suas idéias e reivindicações. Neste caso, as tecnologias constituíram-se para além de porta voz, como testemunho mundial, resultante de uma prática burlante que podia ser acessada pela internet<sup>18</sup>.

## REFLEXÕES INCONCLUSAS

As reflexões presentes neste texto buscam compreender como, a partir de exemplos concretos de uso e apropriação das TIC, novas formas de reconfiguração de ações cotidianas tomam forma. Essas ações são compreendidas aqui como elementos potenciais para formação do que Hakim Bay (2004) chamou de “Zonas Autônomas Temporárias”. Compreendemos que tais configurações espaciais temporárias e fluidas são fundamentais para a construção dos enfrentamentos anti/contra hegemônicos favorecendo a formulação de pontos de contato e/ou simbioses entre essas diversas possibilidades que se constituem com esses novos espaços e fluxos informacionais, uma vez apropriados pela sociedade civil numa perspectiva contra-hegemônica.

Entretanto, cabe enfatizar que se de um lado atuam as forças que pretendem explorar o potencial hegemônico desses recursos, de outro, estão as que pretendem manter o estado de coisas que as tornam hegemônicas, amparados em artifícios amplos e fortes que incluem desde recursos técnicos até o uso da legislação para regulamentar o seu uso segundo seus critérios e vontades.

---

<sup>17</sup> Ministério da Cultura

<sup>18</sup> (<http://stream.paraguas.org:8000/radio.ogg>)

<http://stream.paraguas.org:8000/tvlivre.ogg>) (acessos em junho 2007).

Entretanto, vislumbamos e acreditamos ser possível novas formas de apropriação dessas técnicas, onde as perspectivas contra-hegemônicas possibilitam apropriações criativas e insurgentes das TIC, capazes de fortalecer os movimentos sociais nos enfrentamentos cotidianos que estes travam por direitos políticos, civis, fortalecimento as culturas locais (como verificado recentemente nas mobilizações populares em Honduras, onde informações e notícias locais eram transmitidas via <sup>19</sup>twitter e streamings de áudio em sites e blogs). Metaforicamente, afirmamos que há galáxias ainda inexploradas, oriundas do “big bang” que já ocorreu (ou ainda irá ocorrer) no universo da cibercultura.

### Referências bibliográficas

- BAY, Hakim. *Zona Autônoma Temporária*. 2. ed. São Paulo: Conrad Livros, 2004.
- BENKLER, Yochai. A economia política dos commons. In: SILVEIRA, Sérgio Amadeu da, et al. *Comunicação Digital e a construção dos commons: Redes virais, espectro aberto e as novas possibilidades de regulação*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2007. p. 11-20.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 1)*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- DANTAS JR. Hamilcar Silveira. Estado, educação e Hegemonia: reflexões teórico-metodológicas da filosofia da práxis de Antonio Gramsci. *Revista HistedBR on-line*. Campinas n. 20 p. 28-44. Dezembro/2005. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/rev20.html>. Acesso em: 12 Jul. 2007
- FERREIRA, Antonio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. Os delírios da razão: crise do capital e metamorfose conceitual no campo educacional. In: GENTILLI, Pablo (Org.). *Pedagogia da exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação*. 10. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2002. p. 77-105.
- HISTORIANET. Antecedentes das Revoluções Inglesas. Disponível em <<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=177>>. Acesso em: 22 jan. 2007.
- SANTOMÉ, Jurjo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis, RJ : Vozes, 1995. p. 158-189

<sup>19</sup>

[Www.twitter.com](http://www.twitter.com)

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2006b.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Os processos da globalização. In: *Globalização: Fatalidade ou utopia*. Porto: Edições Afrontamento, 2001. p. 31- 99.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: Do pensamento único à consciência universal*. 13. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006a.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. Redes virais e espectro aberto: descentralização e desconcentração do poder comunicacional. In: SILVEIRA, Sérgio Amadeu da, et al. *Comunicação Digital e a construção dos commons: Redes virais, espectro aberto e as novas possibilidades de regulação*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2007. p. 21 - 55.

VIRILIO, Paul. *A bomba informática*. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.